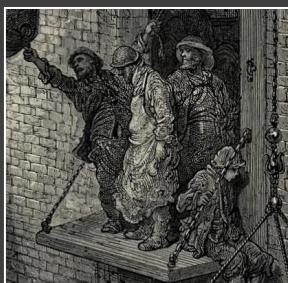


A LÍRICA REALISTA DE BERNARDO ÉLIS EM *PRIMEIRA CHUVA*

THE REALISTIC LYRIC OF BERNARDO ÉLIS IN PRIMEIRA CHUVA

DOSSIÊ: O REALISMO E SUA ATUALIDADE

25 anos de Crítica Dialética na UnB



ORGANIZADORES:

Alexandre Pilati



Deane de Castro e Costa



Martín Ignacio Koval



CERRADOS

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM

v. 34, n. 68, ago. 2025

Brasília, DF

ISSN 1982-9701



10.26512/cerrados.v34i68.57833

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submetido em: 07/04/2025

Aceito em: 03/06/2025

DISTRIBUÍDO SOB



Júlio César Kohler Damasceno Baron  

UFG | juliobaron@discente.ufg.br

Matheus Nascimento Germano  

UFU | germano.matheus@gmail.com

Resumo / Abstract

Menos conhecido que sua obra narrativa, *Primeira Chuva* é o único volume de poesia do escritor Bernardo Élis. Logo, buscou-se compreender de que modo o autor fez de sua produção poética, notadamente realista, uma representação oposta à sua posição de alicerce intelectual entre o projeto de modernização do estado de Goiás mediado pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira a partir de 1930. Para tanto, realizamos um percurso historiográfico orientado por Machado (1990) e Chaul (1998; 2018) visando compreender a aproximação intrínseca entre *modernidade* enquanto requisito para o *progresso* e em como essa associação ocorreu em âmbito local, sobretudo após os ditames de a partir da chamada Revolução de 1930. Já pela via da historiografia literária, recorremos a Teles (2019), Canedo (2018), Bergamo e Canedo (2021) e Buarque (2017) visando entender como a estética modernista se estabeleceu como projeto da intelectualidade goiana, sobretudo a partir de 1942, uma vez que é nela que Bernardo Élis se inscreve. Em direção à materialidade textual, nos orientamos pelo princípio da autonomia relativa da poesia (Pilati, 2017), tendo em vista a internalização de aspectos externos ao texto literário empreendida pelo autor.

Palavras-chave: *Primeira Chuva*, Bernardo Élis, realismo, literatura em Goiás.

Less known than his narrative works, *Primeira Chuva* is the only poetry collection by writer Bernardo Élis. Thus, this study seeks to understand how the author transformed his notably realist poetic production into a counterpoint to his role as an intellectual cornerstone in the modernization project of the state of Goiás, mediated by Pedro Ludovico Teixeira starting in 1930. To this end, we conducted a historiographical analysis guided by Machado (1990) and Chaul (1998; 2018) aiming to comprehend the intrinsic connection between modernity as a prerequisite for progress and how this association unfolded on a local level, particularly after the mandates following the so-called Revolution of 1930. From the perspective of literary historiography, we drew on Teles (2019), Canedo (2018), Bergamo and Canedo (2021), and Buarque (2017) to examine how the modernist aesthetic emerged as a project of Goiás' intelligentsia, especially after 1942 – the period in which Bernardo Élis situated himself. In approaching the text itself, we were guided by the principle of poetry's relative autonomy (Pilati, 2017), considering the author's internalization of external aspects within the literary text.

Keywords: *Primeira Chuva*, Bernardo Élis, literature in Goiás, realism.

REFLEXÕES E PROPOSTAS DE ANÁLISE

Menos conhecido que sua obra narrativa, *Primeira Chuva*¹ é o único volume de poesia do escritor nascido na cidade de Corumbá de Goiás Bernardo Élis. Longe de comparar o valor estético das configurações literárias que o consagraram, como conto ou romance, em relação a uma terceira, lírica, a intenção deste trabalho é buscar pistas para responder à seguinte inquietação: de que modo o autor fez de sua produção poética, notadamente realista, representação oposta à sua posição de alicerce intelectual à par do projeto de modernização mediado pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira a partir de 1930?

No momento em que a configuração política do estado de Goiás alavanca um projeto de poder através da transferência de capital e construção de Goiânia, Élis coexiste uma produção literária que critica a noção de progresso ao mesmo tempo em que... a integra. Figura ativa na composição da vida cultural da então nova capital, há uma duplicidade, considerando-se aquele momento histórico. Nesse sentido, cabe entender como alguns de seus poemas se deslocam do *moderno* enquanto ideal do momento político em questão, até o *tradicional* que, por sua vez, remonta hábitos de Goiás, cidade, tão rechaçados pelos pretensos “novos tempos” de então.

Logo, percebe-se que o autor condiz com um recurso estético que assimila a liberdade da forma literária, orientadora das letras do país após a concepção do modernismo nas artes², em oposição à condição parnasiana³ que, por sua vez, manifestava “uma atividade conformista em relação à república ruralista instalada no país” (Buarque, 2017, p. 136). História e literatura, portanto, se entrecruzam na constituição do projeto artístico de Bernardo Élis, inclusive em sua tímida produção poética. Outra proposta de análise partirá da adaptação do conceito de Carvalho (2002) em relação a um “sentimento de transitoriedade”, o qual permeia certa historiografia feita sobre o estado de Goiás e que, em sentido reverso ao convencionalmente aplicado, permite entender como o autor condensa passado e presente em alguns de seus poemas.

Para trilhar esse percurso, pensaremos com Machado (1990) e Chaul (1988; 2018) sobre o modo como se deu a aproximação intrínseca entre *modernidade* enquanto requisito para o *progresso* e em como essa associação ocorreu localmente através, primeiro, da ascensão econômica fora dos limites da cidade de Goiás, até as turbulências de 1930 em contexto nacional, bem como a concepção do novo poder local em relação ao projeto de transferência de capital e construção de Goiânia. Já pela via da historiografia literária, recorreremos a Teles (2019), Canedo (2018), Bergamo e Canedo (2021) e Buarque (2017) visando entender como a estética modernista se estabeleceu como projeto da intelectualidade local, sobretudo a partir de 1942, uma vez que é nela que Bernardo Élis se inscreve. Isso também motivou uma retomada sobre a produção literária em Goiás a partir do século XIX até o início do XX, transitando entre as correntes simbolista, parnasiana e romântica, visando o contraponto. Recorreremos, ainda, a Paula (2017) quanto aos aspectos biográficos em busca da formação política e intelectual do autor em relação ao momento em que se insere para, finalmente, chegarmos até a parte analítica propriamente dita.

Sobre as especificidades que envolvem a materialidade textual do poema, bem como sua leitura, análise e assimilação, concordamos que há uma disposição dupla e que diz respeito não só ao contexto a que se refere, mas aos arranjos da linguagem que dão característica de obra de arte a esse tipo de produção. Essa visão recíproca entre texto e vida social, ou entre *forma* e *sociedade*, também defende que:

sua natureza é, pois, dialeticamente particular e universal, interna e externa, no sentido de que um dado poema é uma construção única que carrega em si

1 “*Primeira Chuva* foi o único livro de poesia de Bernardo Élis, produzido desde os primeiros anos da década de 1930 e publicado, pela primeira vez, em 1955, pela Editora Oriente. Essa obra pode ser considerada, portanto, o laboratório inicial do projeto estético de Bernardo Élis” (Canedo, 2018, p. 194).

2 Tomando a Semana de Arte Moderna de 1922 como ponto de partida, o modernismo no Brasil foi pautado pelos seguintes princípios: “o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira, e a estabilização de uma consciência criadora nacional. Nada disto representa exatamente uma inovação e de tudo encontramos exemplos na história artística do país. A novidade fundamental, imposta pelo movimento, foi a conjugação dessas três normas num todo orgânico da consciência coletiva” (Andrade, 1975, p. 243).

3 Exacerbação da forma, “gosto da descrição nítida (a mimese pela mimese), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e rima” (Bosi, 2006, p. 219-220) orientam a estética que marca o Parnasianismo. Essa corrente encontrou vários representantes na literatura feita em Goiás, como veremos.

uma tradição de diálogos historicamente construída. Respeitar a natureza do poema, nesse sentido, é ora ater-se à matéria ostensiva que nos fornece o texto enquanto material verbal único, ora entregar-se às possibilidades de conexões e diálogos com o plano da universalidade histórica a que o poema pertence. Vale olhar para fora dele, vale olhar para outros poemas, vale perceber movimentos e diálogos que partem do arranjo relativamente autônomo que é o poema. (Pilati, 2017, p. 80)

Acreditamos que esse olhar dual é indispensável para a apreensão da proposta estética apresentada por Bernardo Élis em *Primeira Chuva*.

POLÍTICA E HEGEMONIA ENTRE A CIDADE DE GOIÁS E A CONSTRUÇÃO DE GOIÂNIA: UM BREVE PANORAMA

Tendo em vista a matéria que deu base para a escrita de Bernardo Élis em boa parte dos poemas presentes em *Primeira Chuva*, interessa um olhar, ainda que breve, sobre alguns acontecimentos pontuais acerca do estado de Goiás, sobretudo a partir da segunda década do século XX.

A ideia de *modernidade* como antessala para o *progresso* foi a tônica de um momento de transição política e econômica, sendo os efeitos locais da chamada Revolução de 1930 os norteadores principais dessa assimilação, uma vez que derivam de tendência maior, que era nacional. Sem pretender um percurso minucioso, a intenção é mesmo um olhar panorâmico sobre o momento.

Ao analisar a dinamização econômica de cidades como Rio Verde, Jataí e Catalão, Machado (1990) avalia o crescente desenvolvimento como princípio de um foco de tensão, justamente pela reivindicação promovida pelas lideranças dessas localidades frente ao domínio político que era centralizado na então capital. Prova disso é o deslocamento da subsistência para a exportação, apesar da pouca comunicação com centros receptores do que era produzido naquelas regiões. Essa questão, no entanto, vai sendo gradativamente alterada pela chegada da estrada de ferro até o Triângulo Mineiro (região fronteiriça a Goiás, portanto), no final do século XIX, contribuindo para a eficiência na entrega e evitando a depreciação de bens de consumo, como o gado, que sofria com as parcas condições das vias de escoamento.

Era, a grossas vistas, o pretenso princípio do fim dos estigmas de *decadência* e *isolamento*⁴. Além disso, a localização geográfica daquela região contribuiu para uma ligação que promoveria relações econômicas mais íntimas com Minas Gerais, integrando-se ao cenário nacional e reforçando os laços políticos que seriam fundamentais para a movimentação “revolucionária” do final dos anos 1920.

Passando a produzir para o abastecimento do mercado nacional e em consonância com um gradativo aumento populacional,

Desenvolve-se aí uma mentalidade que chamaria *progressista/modernizadora*, onde *progredir ou evoluir significaria modernizar-se*. [...] O desenvolvimento de uma mentalidade progressista/modernizadora no sul, articulado a uma elite que ali se formou, configurou a região como área pioneira, no estado, no avanço das fronteiras do capitalismo nacional [...]. Daí porque foi no sul do estado que se desenvolveu a prática da luta oposicionista, uma vez que, aí, a necessidade de se derrubar os entraves oficiais ao avanço do capital se fez de modo mais contundente. Os ideais progressistas/modernizadores não coexistiram com a ordem oligárquico/familiocrática de então. Era necessário mudar e para tal, necessitava-se do poder. (Machado, 1990, p. 80, grifos nossos)

Tradição e manutenção de privilégios, de um lado, polo regional representando uma configuração econômica sintonizada com a ascensão do capitalismo em âmbito nacional, de outro, trouxeram à tona outra dicotomia construída sobre Goiás, cidade: a do *atraso*, simbolizado pela estagnação política de um local supostamente fadado aos ditames das velhas oligarquias. Reconstruir esses er-

4 Dizemos “pretense princípio do fim” porque esse estigma foi, antes, construído por uma visão europeizante e depreciativa sobre os hábitos culturais e econômicos de um estado historicamente interiorano, situado na “periferia da periferia” do capitalismo.

mos e integrá-los às demandas nacionais do desenvolvimentismo – ou dos ideais *progressistas/modernizadores*, como pensa Machado (1990) –, era a “bandeira” dessa articulação política entre sul e sudoeste, e teve na figura de Pedro Ludovico Teixeira seu mais emblemático representante.

Procurando vias de pressionar a centralização política de Goiás pelas também oligarquias da capital (sobretudo a família Caiado), o estopim para o conflito chega com as eleições de março de 1930 em âmbito nacional, quando Getúlio Vargas, do partido oposicionista Aliança Liberal, é derrotado através de uma eleição fraudulenta. Com a ação das oligarquias dissidentes baseada na aliança entre estados contrários à hegemonia de São Paulo, o conflito armado em um estado localmente dividido entre oposicionistas (sul e sudoeste) e conservadores (capital, Goiás) resulta em vitória para a oposição, não pelas forças locais, uma vez que cedem ao conflito com os representantes do poder instituído, mas pelas alianças traçadas e pela chegada da coluna mineira. Essa nova configuração pavimentou o avanço de Pedro Ludovico Teixeira⁵ ao alto escalão do poder em nível local.

Portanto, uma série de fatores determina a ascensão. Do crescimento econômico do sudoeste, passando pela popularidade, dada a sua formação como médico “recém-chegado de um centro mais desenvolvido, o homem de formação profissional e intelectual mais aberta, mais avançada, que veio ao encontro das necessidades da elite progressista/modernizadora” (Machado, 1990, p. 101), o fato é que a configuração do poder, agora, caminhava em direção a um processo de expansão baseado num ideal de urbanização como requisito para o alinhamento com a política nacional. Toda essa construção feita, primeiro, no campo do discurso, sobretudo na contraposição entre *progresso* pela construção de Goiânia, e *atraso*, atribuído a Goiás, e, depois, na efetivação de um projeto que percorre a década de 1930 e tem a inauguração fincada em 1942 através do Batismo Cultural da cidade nascente, é minuciosa, não nos interessando detalhá-la para os fins deste trabalho.

Pretendemos, agora, pensar de que modo a poética de Bernardo Élis dá conta desse momento histórico através de uma contraposição: na medida em que tematiza os aspectos bucólicos da antiga capital na obra *Primeira Chuva*, lançada em 1955, o autor usa versos livres para falar da “ingenuidade macia das tardes de novena”⁶ ou do “ventinho trêfego” que “refresca a tarde”⁷ de quem caminha até o Morro São Francisco.

Essa escolha instiga, pois surge quase simultaneamente ao momento em que Élis representa a linha de frente da intelectualidade da nova cidade, tão orientada pelas noções de *progresso, desenvolvimento, urbanização e modernidade*. Desse modo, concordamos que:

Nessa poesia, é possível também detectar a obstinação do autor na busca pela amostragem do que seria seu principal mote, a velha Vila Boa. No prefácio à edição de 1971, José Godoy Garcia lembra que *essa poesia não é apenas a poesia da cidade velha, mas da alma velha, de um mundo velho, elaborado sob forma nova*. (Canedo, 2018, p. 197, grifo nosso)

Nome em consolidação entre a intelectualidade local, o corumbaense tem um dos seus textos mais emblemáticos publicado já na primeira edição da revista *Oeste*, lançada durante as festividades do Batismo Cultural de Goiânia, o que também reflete essa instigante dualidade. Assim, faremos uma exposição historiográfica breve sobre aspectos biográficos do autor para, em seguida, relacioná-los com o contexto histórico em que se insere, bem como compreender a representação desse mesmo momento em sua produção poética em relação à conjuntura da nova capital, Goiânia.

5 Médico em Rio Verde, Pedro Ludovico Teixeira compôs o movimento dissidente do sudoeste do estado fundando, “principalmente, o jornal *O Sertão*, mais tarde transformado em *O Sudoeste*” (Chaul, 1988, p. 31-32), além de denunciar práticas de violência “supostamente vindas dos Caiado no jornal *Voz do Povo*” (Machado, 1990, p. 89). Após a revolta armada no Brasil e em Goiás, após a qual foi preso em Rio Verde e solto 14 dias depois, chega ao poder. No entanto, “não tinha nenhum projeto de governo estabelecido, nenhuma orientação ideológica capaz de dar sustentação à sua carreira pública” (Chaul, 2018, p. 220). É pela fusão entre os saberes médico e político que Ludovico promove um discurso de sanitização da antiga capital, dificultado pelas condições econômicas e estruturais da cidade de Goiás (insalubridade, baixo crescimento demográfico, suposta impossibilidade de urbanização). Aqui, portanto, a justificativa para levar adiante o projeto de uma nova capital, baseada, sobretudo, numa ideia de *modernidade* atrelada ao *progresso*.

6 Trecho retirado do poema “Tardes de novena” (Élis, 2021, p. 37).

7 Trechos retirados do poema “Santa Bárbara” (Élis, 2021, p. 39).

8 Trata-se do consagrado conto “Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá”, posteriormente publicado em *Ermos e Gerais* (1944).

REFLEXÕES SOBRE A TRAJETÓRIA DO AUTOR

Nascido em 15 de novembro de 1915 na cidade de Corumbá de Goiás, Bernardo Élis teve contato com as características socioculturais marcadoras de identidades dos interiores do Brasil, coexistindo entre os ermos de sua cidade natal, a vivência na antiga capital do estado e as demandas cosmopolitas de seu tempo de adulto. Nesse sentido, passou pela euforia desenvolvimentista que tomou conta do país a partir de 1930 e identificou no processo social não exatamente o entusiasmo que era da ordem do dia, mas, antes, uma perspectiva crítica e não raro pessimista diante dos fatos que via. No entanto, isso não quer dizer que Élis não se inseriu entre os círculos apregoadores do *progresso* e do *desenvolvimento*, sobretudo após a construção de Goiânia, visando dar sobrevida à sua condição de literato em (desejo de) ascensão. Em alguma medida, isso exigia integração entre os circuitos da intelectualidade, os quais, àquela altura, acompanhavam o processo de urbanização através da cidade que emergia como capital.

Explicação coerente nesse sentido é feita por Gabriel de Paula em seu artigo “Bernardo Élis: um intérprete de Goiás”. Situando o autor em relação a seu posicionamento político assumidamente à esquerda, é interessante o modo ambíguo como Élis se insere no campo literário local, uma vez que, revelando cedo a inclinação para a escrita, o desejo de projeção caminhava emparelhado com uma crítica social áspera e reformulada em forma artística. A resposta, portanto, parece simples: ciente do caminho a ser traçado para alavancar suas publicações, Élis logo deve ter percebido que:

É traço distintivo dos campos intelectuais goianos a filiação ao estado e a dependência do mecenato oficial. A dependência estatal dos intelectuais goianos não se fazia apenas no sentido das publicações. Havia também uma série de cargos públicos ocupados por membros da *intelligentsia* goiana. Os postos do funcionalismo dariam a “estabilidade” financeira necessária para o ofício das letras [...]. Embora tenha exercido a carreira docente e jornalística, devemos lembrar que a aproximação com a burocracia estatal sempre foi presente na carreira de Bernardo Élis: foi secretário da Prefeitura Municipal de Goiânia, na gestão de Venerando de Freitas (1935-1945), e presidente da Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira durante o governo de Maguito Vilela (1995-1998), embora Élis tenha ficado menos de um ano no cargo. (Paula, 2017, p. 268-269)

Podemos buscar exemplos dessa assertiva associando-a a sua produção literária através de um aspecto pontual, talvez o mais representativo: a participação ativa do escritor na revista *Oeste*, órgão de pretensa divulgação político-ideológica de Pedro Ludovico Teixeira e do Estado Novo. Nesse sentido, cabe uma observação mais detida em relação a um artigo de título “Oeste: lucro e/ou logro”, escrito pelo próprio Bernardo Élis e publicado em edição fac-similar de 1983, a qual compila todos os volumes da supracitada revista.

Nesse pequeno texto, Élis parte da divisão proposta pela professora Eliane Gracindo Dayrell em seu estudo de título “Oeste – Ideologia e História”⁹ para identificar as tendências ideológicas distribuídas entre as três fases da revista – “democrático-esquerdizante”, democrático-centrista” e “tendência fascistizante”. Para além das considerações sobre a figura de Paulo Figueiredo, sujeito supostamente responsável pela criação do órgão dado o seu “livre trânsito na administração e possibilidade de obter do Interventor Federal Pedro Ludovico meios materiais para a criação de uma revista capaz de atender as aspirações dos jovens” (Élis, 1983, p. 21), o literato identifica a via de mão-dupla (com peso maior aos favorecidos pela propaganda) do órgão em questão. Segundo ele,

aos escritores seriam dadas algumas benemerências consubstanciadas na revista e sua divulgação, enquanto os políticos receberiam o apoio da intelectualidade e o trabalho (gratuito) da propaganda. Dessa barganha surgiu a “Oeste”. (Élis, 1983, p. 21)

9 Segundo Élis, nesse artigo é feita uma divisão da revista em três fases, que seriam: veículo incentivador e esforçado em apresentar a intelectualidade goiana, presente no primeiro número; conciliação entre divulgação literária e divulgação político-ideológica do Estado Novo e de Pedro Ludovico, do segundo ao décimo terceiro número, e por último, da edição nº 14 até a 23ª, a *Oeste* como instrumento exclusivamente político-ideológico do Estado Novo e órgão de propaganda do Interventor Pedro Ludovico (Élis, 1983, p. 20).

Passando por cada uma das fases, é curioso observar como o autor atribui a qualificação de “fascista” à revista – sobretudo pela criação de uma comissão de censura, que passa a controlar o que era publicado já a partir da segunda edição. Nessa fase, há uma contraposição entre a “debandada” dos escritores, “um pouco por comodismo, um pouco como protesto pelo tom propagandístico da revista” (Élis, 1983, p. 22), além da contínua reverência a Pedro Ludovico que, embora mantivesse as diretrizes laudatórias da revista, era “figura por todos os títulos respeitável, a quem tais louvações nada acrescentava, servindo, pelo contrário, para criar uma certa aura de personagem ridícula” (Élis, 1983, p. 22). Ao concluir dizendo que publicou na *Oeste* do primeiro ao derradeiro número, Bernardo Élis ainda se justifica, uma vez que enxergava nela “um dos únicos recursos de divulgação literária goiana, conservando-me amigo do seu orientador sem embargo das divergências existentes” (Élis, 1983, p. 23).

Toda essa exposição nos conduz à ideia de que, atento a seu tempo, Bernardo Élis se inseriu entre os pilares contraditórios do poder institucional consciente de suas investidas. Na medida em que buscava alavancar seu projeto de escritor, e enxergando no estado mantenedor a única forma de fazê-lo, se apropriou de seus espaços (revistas, cargos públicos, bajulações) através de uma postura oposta ao que era apregoado pela sua obra literária. Parte disso pode ser observado em ao menos três poemas de *Primeira Chuva*.

TRÊS POEMAS DE *PRIMEIRA CHUVA* E ALGUMA CONCLUSÃO

O fio temático de *Primeira Chuva* gira, predominantemente, em torno da vida pacata de Goiás. Parte considerável dos poemas utiliza uma versificação livre e típica dos preceitos modernistas para lembrar as:

Ruas, praças e casarões que viveram os melhores anos da cidade-sede, mas em decorrência da transferência da capital do estado para a cidade de Goiânia, em 1937, passou a vivenciar uma espécie de ruína físico-espiritual até meados da década de 1980. (Canedo, 2018, p. 202)

Assim, propomos duas análises que, acreditamos, dão conta de particularidades que contribuem para o reforço da dialética entre literatura e sociedade sintetizada na poesia de Bernardo Élis. Importa verificar como, de um lado, o autor se apropria da versificação moderna em recusa à estética parnasiana predominante na produção artística de Goiás no final do século XIX, bem como contrapõe o desenvolvimento que vem na esteira da ideia de *progresso* através de uma vista temática que olha “para trás”, diferente do que o momento político do estado “exigia” de um intelectual inserido entre os circuitos hegemônicos.

A contraposição da ordem da forma literária pode ser observada através de, ao menos, dois textos, “Noite de lua com serenata” e “Procissão do senhor morto”. Além de tratarem de temas ignorados pelo tradicionalismo e pela poesia de ornamentação, o manejo estético de “um lírico mais realista” (Bergamo; Canedo, 2021, p. 98) “deve ter feito os seus escândalos na antiga capital, onde a poesia, na época, era compreendida nas suas mais estreitas dimensões tradicionais” (Teles, 1969, p. 61):

NOITE DE LUA COM SERENATA

A luz purulenta está se derramando pelas ruas tortas,
calhando de quieteza branca os sobradões fechados,
coando-se na copa das árvores cansadas.

Anda alguém cantando, em serenata,
modinha triste,
modinha triste,
ao ritmo agreste do caburé.
(Élis, 2021, p. 43)

PROCISSÃO DO SENHOR MORTO Pela rua estreita

passa a procissão do Senhor Morto.
Há um cheiro místico de manjeronas pisadas,
que mãos piedosas atiraram nas lajes brancas das calçadas.

O murmúrio confuso das vozes
apagou-se de repente.
Bóia no ar, estertorando, o tropel
compassado do cortejo.

E no silêncio cadavérico e maldito
somente os tochos de cera latejam rubros,
porque o silício penitente de uma voz de mel
chicoteia o silêncio ímpio:

“O’ Vós Omnes”

E a vós escorre dolorida,
num tom evocativo de remorso,
mordida de desespero milenário e religioso.
(Élis, 2021, p. 41)

A diferença estética pode ser melhor observada se recorrermos, comparativamente, a um poema escrito em Goiás já no século XX na que, segundo Teles (2019), é a última publicação registrada desde o aparecimento de certo pré-modernismo, através daquele que é considerado o introdutor desta tendência artística nas letras do estado, a saber, o escritor Leo Lynce. O poema é de autoria de Joaquim Rufino Ramos Jubé Junior, foi publicado no livro *O perdão de Jesus* em 1923 e representa bem a concomitância entre o parnaso e o romantismo, corrente estética responsável por larga produção literária ainda no início do século XX em Goiás. Como se vê, esse poema destoa largamente do trato do assunto religioso em relação, sobretudo, ao poema “Procissão do senhor morto”, citado anteriormente:

GETSÊMANI (Fragmento)

Sobre o escarpa negro e dura assim
Imerso em pronto sufocado pela dor,
Jaz, coberto de angústia e dor sem fim,
Jesus vítima de seu imenso amor:
“Afastai ó se podes, meu senhor!
Este cálix de amargura que a mim
Envia o mundo impuro e pecador.
Mas, se devo sorvê-lo todo assim,
Dai-mo, Pai, enviai-mo, o Senhor,
Pois cumprir vossa vontade ao mundo vim”.
Já desponta o sol no horizonte
Banhado em sangue vivo e rutilante
A face negra e vil do infame monte;
E Jesus curvado ao peso cruciante
Dos crimes do mundo; no seu desponte,
Orava a Deus; e calmo, e confiante,
Volvendo-se ao negro e frio monte,
onde morte o aguardava infamante,
“Os crimes deles, Senhor, em mim desconte!”
Murmurava quase alegre nesse instante.
(*apud* Teles, 2019, p. 420-421)

O arranjo dos versos livres nos dois primeiros exemplos e de disposição fixa e regular neste último revelam uma circunstância que é também histórica e configura mudança. Essa atualização literária, antenada às disposições artísticas em alta no Brasil do momento, dialogam com o efeito de modernização que se idealizava em Goiás não exatamente no momento da publicação de *Primeira Chuva*, a qual vem à tona quase trinta anos após a edificação de Goiânia, mas da ocasião da escrita, datada das décadas de 1930 e 1940. Esse é, portanto, o esquema que imediatamente chama a atenção da obra quando vista em contexto com a literatura local, uma vez que contrapõe e se conecta com um projeto de nacionalização dos interiores do qual Goiânia faz parte – e que tem na formação da intelectualidade uma das suas principais representações, inclusive ideológicas. Podemos concluir essa contraposição com a seguinte assertiva:

O Modernismo atuou fundamentalmente contra o Parnasianismo, pois este movimento tinha um programa estético segundo uma sistemática política aliada da formação da Primeira e da Segunda República. Estes dois momentos da história política do país assumiram de um lado a libertação do Segundo Império pela força militar empreitada pelos marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, e de outro lado a consolidação republicana no Brasil pela conhecida Política do Café com Leite. [...] É importante ressaltar que não há como assegurar que havia propriamente defeito na inteligência parnasiana; havia uma inércia, uma atividade conformista em relação à república ruralista instalada no país. *O Parnasianismo deteve tanto poder que chegou a incidir na métrica da língua portuguesa no Brasil, modificando, inclusive a poesia popular – e isso é menos uma ação estética que uma ação política, porque obra de uma elite intelectualizada destacada sobre uma massa populacional analfabeta.* (Buarque, 2017, p. 136, grifo nosso)

Usando uma estética nova para tratar de um assunto “antigo” para aquela conjuntura, pode-se dizer, ainda, que Bernardo Élis manifesta segunda duplicidade. Para explicá-la, tomaremos de empréstimo o conceito de “transitoriedade” que Carvalho (2002) adota para pensar a construção de Goiânia a partir do rompimento com a ideia de *decadência*, a qual marca a historiografia local quanto aos efeitos do decréscimo da extração aurífera em Goiás.

Valendo-se do que foi previsto pelo historiador Luis Palacín na obra *Quatro tempos de ideologia em Goiás*, Eugênio Rezende Carvalho busca construções historiográficas *de e sobre* Goiânia a partir de um “sentimento de transitoriedade” (Carvalho, 2002, p. 155). Segundo o autor, esse estigma fazia parte da mentalidade da sociedade mineradora, na medida em que, “com a decadência do ouro, os que aqui permaneceram, vivendo nostalgicamente a ressaca daqueles áureos tempos [...], mantinham viva a esperança de um dia poderem reconquistar a riqueza e a prosperidade daquele passado glorioso” (Carvalho, 2002, p. 156). Com a transição lenta e gradativa para a economia agropecuária, (supostamente) instalou-se um clima saudoso, envolto por certos “derrotismo e desmotivação social” (Carvalho, 2002, p. 156), o que teria influenciado a mentalidade de gerações posteriores, sendo usurpado como justificativa para a noção de *progresso* enunciada após a Revolução de 1930, resultando na construção de uma nova capital. A assimilação dessa transitoriedade por Pedro Ludovico Teixeira e sua comitiva, portanto, se dá pelo discurso mudancista e é envolto por uma noção de *modernização* atrelada ao *progresso*, que contrapõe os estereótipos de *decadência*, *isolamento* e *atraso* enquanto justificativa de um projeto político que diferenciaria os “homens da revolução” (Carvalho, 2002, p. 158), uma vez que, “ou se criava um fato novo capaz de romper com esse quadro de poucos resultados, ou os revolucionários correriam o risco de serem taxados como conservadores” (Carvalho, 2002, p. 159).

O que há em Élis, portanto, é uma “transitoriedade às avessas”, uma vez que usa a poesia para retomar o passado não pelo *atraso* em si, mas pela necessidade de direcionar o olhar ao que sobrou de uma cidade agora abandonada, apesar de que o autor, enquanto homem público moderno e (pretensamente) cosmopolita, seguia amparado politicamente pela cidade que emergia. Isso pode ser observado em grande parte dos poemas de *Primeira Chuva*, mas transcrevemos um, especialmente simbólico:

GOIÁS

*Parece haver fantasma de Bandeiras
passeando pelas ruas estreitas e sombrias,
— as casas baixas se escorando umas nas
outras pela encosta à riba.*

(Rua da Abadia
Casa da Pólvora,
Bica del rei...)

*Já vai tão longe o tempo
em que a busca do ouro
era a grande ambição!*

(Palácio dos Arcos,
dos Távoras, Rua da Fundação...)

Copas de grandes cajazeiras
Sujando a brancura das calçadas
com o preto frescor das sombras úmidas.

(Águas Férreas,
Morro das Lages,
Largo da Forca, onde aparece
assombração...).

*Parece que vi dois vultos,
vestidos de couro,
calçados de botas,
barbudos, grandões,
no escuro do beco
jogando espadas!*
(Élis, 2021, p. 29, grifos nossos)

Desse modo, concluímos, não como definição, mas enquanto ponto de partida: na medida em que mobiliza o mesmo recurso da transitoriedade usado pela comitiva de Pedro Ludovico para transferência de capital e construção de Goiânia, o autor usa a metáfora do *fantasma* tanto como alma falecida análoga à figura dos primeiros bandeirantes, como atualização em função do tempo presente empregado na locução “Parece haver”.

Circulando pelos becos abandonados de Goiás, cidade, o autor identifica o passado presentificado na figura do “bandeirante moderno”, retomando a mesma associação que o discurso mudancista fez para justificar o presente, mas de modo trágico, não festivo. Uma vez que “conceitos sociais não devem ser trazidos de fora às composições líricas, mas sim devem surgir da rigorosa intuição delas mesmas” (Adorno, 2003, p. 67), podemos concluir dizendo que a poesia, em sua peculiaridade e autonomia relativa (Pilati, 2017), também atua como importante mecanismo para apreensão, compreensão e superação da história regional em suas vicissitudes. Teixeira (2017) define bem esses elementos dicotômicos e de transitoriedade ao dizer que, sobre Bernardo Élis:

Se de um lado, se tinha a história como voz do grupo que conseguiu exercer o poder e, portanto, impôs o seu discurso, a sua vontade de verdade, a aproximação a outras áreas do conhecimento levou a reconsiderar o caráter oficial desse discurso, problematizando-o. Emergem as histórias dos excluídos, dos derrotados, dos sujeitados. *Coube à literatura um lugar de destaque nessa reconfiguração.* (Teixeira, 2017, p. 229, grifo nosso)

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: _____. **Notas de Literatura I**. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003, p. 65-89.
- ANDRADE, Mário de. O movimento modernista. In: _____. **Aspectos da literatura brasileira**. 5ª ed. São Paulo: Martins Editora, 1974, p. 231-255.
- BERGAMO, Edvaldo A. CANEDO, Rogério Max. Primeira chuva, de Bernardo Élis, e a dialética campo e cidade na poesia modernista de Goiás. (Posfácio). In: ÉLIS, Bernardo. **Primeira chuva**. Goiânia: Editora IFG, 2021 (Coleção Artífices), p. 91-105. Disponível em <https://editora.ifg.edu.br/editoraifg/catalog/view/60/36/245-1> Acesso em 25 de agosto de 2022.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUARQUE, Jamesson. Primeira Chuva, de Bernardo Élis, e a Modernidade do Modernismo do Brasil e em Goiás. In: BRITO, Tarsilla C. FLORES JR, Wilson J. (Orgs). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017, p. 126-150.
- CANEDO, Rogério Max. Modernismo, tradição e poesia em Bernardo Élis. In: DOS SANTOS, Giovana B. F; CAMARGO, Goiandira Ortiz de; BUARQUE, Jamesson (Orgs). **Considerações sobre a poesia goiana**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2018, p. 194-214.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. Construções de Goiânia. In: BOTELHO, Tarcísio Rodrigues (org). **Goiânia: cidade pensada**. Goiânia: Editora da UFG, 2002, p. 153-167.
- CHAUL, Nasr Fayad. **A construção de Goiânia e a transferência da capital**. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1988.
- CHAUL, Nasr Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. 5ª ed. Goiânia: Editora UFG, 2018.
- DAYREL, Eliane Garcindo. A Revista Oeste – Ideologia e História. In: IX SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1979, São Paulo/SP. **Anais**, São Paulo: 1979, p. 1349-1350.
- ÉLIS, Bernardo. “Oeste” – Lucro e/ou logro. In: **Revista Oeste (Reprodução fac-similar de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944)**. Goiânia: Universidade Católica de Goiás – Caixa Econômica Federal, 1983, p. 20-23.
- ÉLIS, Bernardo. **Primeira chuva**. Goiânia: Editora IFG, 2021 (Coleção Artífices). Disponível em <https://editora.ifg.edu.br/editoraifg/catalog/view/60/36/245-1> Acesso em 26 de agosto de 2022.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Pedro Ludovico: um tempo, um carisma, uma história**. Goiânia: Cegraf, 1990.
- PAULA, Gabriel de. Bernardo Élis: um intérprete de Goiás. In: BRITO, Tarsilla Couto de. FLORES JR, Wilson José (Orgs). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017, p. 260-279.
- PILATI, Alexandre. A especificidade da leitura do poema. In: _____. **Poesia na sala de aula: subsídios para pensar o lugar e a função da literatura em ambientes de ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, p. 73-94.
- TEIXEIRA, Átila Silva Arruda. Bernardo Élis: do regionalismo literário à literatura como missão. In: BRITO, Tarsilla Couto de. FLORES JR, Wilson José (Orgs). **100 anos de Bernardo Élis**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017, p. 220-243.
- TELES, Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro em Goiás**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1969.
- TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás: estudo, antologia**. 3ª ed. Goiânia: Editora UFG, 2019.
- TELES, Gilberto Mendonça. Roteiro do conto goiano. In: _____. **Estudos goianos II: a crítica e o princípio do prazer**. Goiânia: Editora da UFG, 1995, p. 34-40.